

# VOCABULÁRIO SISALEIRO A LÍNGUA REVELANDO TRAÇOS CULTURAIS

*Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB/UCSAL)<sup>1</sup>*  
[celinabbade@gmail.com](mailto:celinabbade@gmail.com)

## *1. Apresentação*

A história linguística desde o seu começo é parte integrante da história cultural e esse fato nunca foi considerado de outro modo. Uma língua é a expressão completa da cultura de um povo e fazer a história da língua, é fazer a história da civilização que a utiliza. Dentro do estudo da língua de um povo, podem-se abordar vários aspectos. A pesquisa em questão tem como proposta estudar a história de um povo, através do levantamento e estudo estrutural do seu léxico.

A necessidade e o desejo de resgatar a história e cultura de uma região cuja atividade sisaleira é a maior fonte de renda e que a história dessa atividade é passada de geração em geração sem haver quase nenhum registro escrito da mesma, levou a elaboração de uma pesquisa para buscar as fontes escritas que possam resgatar essa atividade. Nessa perspectiva, em primeira instância, surge o interesse pelo resgate do patrimônio histórico e cultural das cidades do sertão baiano que possuem o sisal como fonte maior de renda, a partir do estudo lexical de documentos e textos relativos à atividade sisaleira, encontrados em cartórios, fóruns e cooperativas de Conceição do Coité e regiões adjacentes.

Conceição do Coité, cidade onde está situado o Campus Universitário XIV da Universidade do Estado da Bahia, foi o local escolhido para dar base à pesquisa com o objetivo maior de resgatar a história cultural de seu povo a partir do estudo lexical de uma ativi-

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia e Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Católica do Salvador, ministrando disciplinas filológicas. É Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras/Português pela UAB/UNEB e é professora do Curso de Pós-Graduação em Filologia pela PUC-Minas. Sócia efetiva do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e sócia correspondente da Academia Brasileira de Filologia.

dade que fez a região desenvolver-se e ser conhecida internacionalmente: o cultivo do sisal.

A pesquisa inicia-se com a busca em cartórios e cooperativas de documentos e textos relacionados à atividade sisaleira. Após o levantamento dos textos, os mesmos foram organizados para se fazer o levantamento lexical. Foi preciso também realizar uma pesquisa de campo devido à escassez do material escrito encontrado. Visitou-se uma fábrica que recebia as fibras para o seu beneficiamento, e foi-se a duas fazendas para conhecer o processo do plantio e cultivo da planta. As visitas contribuíram para a elaboração das definições das lexias encontradas nos textos. A partir daí, as mesmas foram estruturadas em campos lexicais.

O vocabulário de um povo diz muito sobre os seus hábitos, costumes e história. Ao deparar com o vocabulário específico de uma língua em determinada região, pode-se observar traços da língua falada naquela comunidade. O vocabulário encontrado, tanto pode diferir de um vocabulário mais antigo, como pode ter sido conservado até os dias de hoje. Desse modo, justifica-se a necessidade de um estudo das lexias relativas à atividade sisaleira, principal fonte de renda dessas regiões.

Procurou-se fazer um estudo lexicológico, em uma perspectiva diacrônica estrutural, enfocando-se os campos lexicais. Após a organização e o levantamento das lexias levantadas, fez-se a análise das mesmas. O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma estruturação do léxico existente nos textos de base, organizando essas lexias em seus respectivos campos lexicais, mostrando assim que, através da teoria da estruturação dos campos lexicais, é possível se fazer também um estudo funcional do léxico de uma língua. Com base nessa teoria, as lexias são organizadas de maneira que toda lexia encontrada esteja estruturada em seu devido campo lexical.

Como base teórica para tal proposta seguiu-se os estudos realizados e fundamentados por Stephen Ullmann e, principalmente, por Eugenio Coseriu com sua teoria do campo lexical. Essa teoria propõe uma análise estrutural do vocabulário, determinando o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas no qual os lexemas constituem um sistema de oposições. Partindo-se desse princípio, fez-se o levantamento das lexias nos campos lexicais propostos.

Para o levantamento e estruturação das lexias encontradas, visando-se a estruturação das mesmas em campos lexicais, inicialmente realizou-se o levantamento das lexias nos documentos encontrados a partir do fichamento das mesmas. A partir desse levantamento, seguiu-se a consulta a alguns dicionários sincrônicos de língua portuguesa, seguido da organização das lexias em campos lexicais. Em cada um dos campos lexicais propostos, foi dada a classificação gramatical das mesmas, os conceitos das lexias levantadas a partir dos textos das edições selecionadas para a documentação do *corpus*. Dessa forma, busca-se o resgate da história de um povo, partindo-se do estudo lexical desse povo, através de seus textos escritos.

## **2. *Conceição do Coité- O Começo***

Conceição do Coité é um dos municípios do sertão semiárido baiano localizado a pouco mais de duzentos quilômetros de São Salvador, a capital baiana. Apesar de a freguesia existir desde o século XVII, o município só foi criado e instalado em 1890. Por ter passado por uma fase de insustentação, o município chegou a ser suprimido em 1931, voltando a pertencer ao território do município de Riachão do Jacuípe. Mas em 1933, o município foi restaurado definitivamente, sendo a sede elevada à categoria de cidade em 1938. De lá para cá a cidade tem crescido e se expandido a cada dia e muito desse crescimento é devido ao sisal.

Atualmente, o município é considerado a “CAPITAL DO SISAL”, porque é a partir da cidade de Conceição do Coité que o sisal é comercializado para outras regiões. Além do sisal que produz, a cidade recebe o produto das regiões circunvizinhas para fazer o beneficiamento do produto através das bateadeiras que recebem em fibras, transformando o mesmo em fardos para exportação.

O sisal é tão importante que faz parte da bandeira da cidade simbolizando o produto agrícola que impulsionou a expansão e progresso do município.

### 3. *A agave sisalana: o sisal*

No nordeste baiano, devido ao seu clima semiárido, cerca de trinta e cinco municípios compõe a chamada região sisaleira. Essa denominação se deve à cultura do sisal ou agave, planta rústica originária do México e que chegou ao Brasil sem que se saiba exatamente como. Parece que a *agave sisalana* chegou ao Brasil através de uma firma americana da Flórida, em 1903. Difundida inicialmente na Paraíba, chegou depois na Bahia no município de Santa Luz, vizinho à Conceição do Coité, importado da Paraíba. A partir daí, a planta progrediu se expandindo por toda a região sisaleira.

Palavra originária do hispano-americano ‘sisal’, o sisal (*agave sisalana*) é a fibra têxtil extraída do agave, que por sua vez deriva-se do gr. *agaué* ‘admirável’. O agave é a designação comum às espécies do gênero *agave*, da família das agaviáceas, que fornecem o sisal ou agave.

Praticamente todas as partes do sisal são aproveitadas. A fibra das suas folhas é o que mais se utiliza dessa planta. Os fios naturais da fibra do sisal ao invés das fibras sintéticas, contribuem para a utilização e expansão dessa fibra até mesmo por questões ecológicas. Uma fibra sintética demora até cento e cinquenta anos para se decompor no solo, enquanto que a fibra do sisal, em meses, torna-se um fertilizante natural. A sua fibra é a fibra vegetal mais dura que existe. A fibra é industrializada e convertida em fios, barbantes, cordas, tapetes, sacos e artesanato. A fibra de sisal pode ser também utilizada na fabricação de pasta celulósica, empregada na fabricação do papel Kraft, de alta resistência, e de outros tipos de papéis finos. Na indústria automobilística, as fibras do sisal podem substituir as de vidro. Também é empregada na indústria de móveis e eletrodomésticos, na mistura com polipropileno e na construção civil; mas a principal utilização é a fabricação de fios agrícolas (*twines*). O principal fio agrícola é o *baler twine*, utilizado para amarração de fardos de feno de cereais nos EUA, Canadá, Europa e, mais recentemente, no Brasil.

Os fios biodegradáveis são utilizados em artesanato, na fabricação de cordas de diversas utilidades, inclusive navais, no enfardamento de forragens etc. O sisal também é utilizado na produção de estofados; pasta para indústria de celulose; produção de

tequila; tapetes decorativos; remédios; biofertilizantes; ração animal; adubo orgânico e sacarias.

Podendo ser colhido durante todo o ano, o sisal é uma planta resistente à aridez e ao sol intenso do sertão nordestino. O ciclo médio de vida do sisal comum é de oito anos, findos os quais a planta entra em floração e morre sem frutificar. O híbrido frutifica.

No Brasil, os principais produtores são os Estados da Paraíba e da Bahia. Atualmente o Brasil é o maior produtor de sisal do mundo e a Bahia é responsável por cerca de oitenta por cento da produção da fibra nacional. Conceição do Coité, na Bahia, é o maior produtor de sisal do Brasil, liderando neste particular a zona produtora da fibra. Existem, em todo o município, centenas de *batedeiras* (usinas de beneficiamento do sisal) e mais de cem máquinas primitivas e paraibanas, principais instrumentos de desfibramento do sisal.

Além do Brasil, alguns outros países fazem parte dos maiores cultivadores de sisal do mundo: Tanzânia, Quênia, Uganda (África Oriental), Angola, México e Moçambique.

Conhecido como “o ouro branco” do sertão, o sisal quando surgiu na década de sessenta do século passado, era tão valorizado que a sua pouca produção (cerca de cem quilos por mês), devido ao processo ainda primitivo de desfibramento em um sistema conhecido como motor de farrancho era suficiente para atender às necessidades de uma família grande por até uma semana. Na década seguinte, com o surgimento de um motor mais moderno movido a óleo diesel, a capacidade produtiva aumentou em até trinta vezes. Mas o excesso de produção fez com que o preço do produto despencasse. Mesmo com os preços baixos, o sisal continuou sendo a fonte de sobrevivência de muitas famílias nordestinas e uma forma de viver dignamente. Durante as duas décadas seguintes, houve uma devassa nas caatingas baianas, substituídas por longos e intermináveis estaleiros verdes. Em 1986, com todos os preços congelados no Brasil, o quilo do sisal que era equivalente a catorze pãezinhos franceses, chegou a corresponder a dois pães franceses. Os compradores do material alegavam não haver uma política de exportação e o mercado brasileiro não tinha condição de absorver toda a produção nacional. Os produtores se queixavam dos baixos preços para a venda. Os atravessadores alegavam que não conseguiam exportar todo o produto que, em sua gran-

de maioria, era destinado à Europa. Portanto, a oferta em excesso desvalorizava cada vez mais a *agave sisalana*. Os sertanejos passaram a utilizar a palha do sisal como ração para o gado, pois não compensava mais o desfibramento delas. Mas os motores movidos a diesel para obter a fibra do sisal custavam muito caro e, rapidamente a ração foi substituída pelo capim.

Atualmente, em média, cerca de trinta por cento de toda a plantação resistiu ao tempo, sendo hoje o quilo da fibra vendida por um preço equivalente a cinco pãezinhos franceses, moeda que sempre avaliou o seu preço. O cultivo hoje, apenas em algumas fábricas da região, resume-se à atividade artesanal e a exportação.

Algumas organizações atualmente trabalham para o resgate do desenvolvimento sustentável na região e buscam a proteção das famílias que ainda sobrevivem do cultivo do sisal. É o caso da CODES Sisal (Conselho de Desenvolvimento Sustentável do Território do Sisal – [www.abracosisal.org.br](http://www.abracosisal.org.br)); da Associação de Desenvolvimento Sustentável Solidário da Região do Sisal – APAEB ([www.apaeb.com.br](http://www.apaeb.com.br)), localizada no município de Valente, que emprega cerca de 800 pessoas diretamente, mantendo uma das maiores indústrias de tapetes e carpetes de sisal do país, além de uma escola agrícola, um laticínio dentre outras atividades como assistência técnica rural; e o Movimento de Organização Comunitária – MOC ([www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)) com sede em Feira de Santana, conhecida por ser a terceira maior ONG do país.

Quando o sisal surgiu, ele era muito mais do que um meio de sobrevivência, era uma identidade para as pessoas que dele tiravam o seu sustento. Na região sisaleira, a sociedade se dividia em: fazendeiros de gado, donos de motor e comerciantes. Mas apesar do sisal ser o combustível que impulsionava a economia local, existia um preconceito muito grande com a atividade, ao ponto de os trabalhadores serem chamados de “peões de motor”, ou seja, giravam em torno de si e não chegavam a lugar algum. Apesar de mais ricos do que os outros que viviam de atividades diferentes, os “donos de motor” não se misturavam aos circuitos urbanos, pois eram discriminados sendo sempre “os homens da roça”.

O trabalho infantil formava boa parte do contingente de trabalhadores de motor e consumia em média oito horas do dia das crian-

ças. Os “filhos do sisal” eram discriminados nas escolas e muitas vezes, pelo excesso de trabalho e discriminações que sofriam, acabavam desistindo dos estudos para seguir o caminho dos pais. Até hoje as crianças continuam trabalhando nessa atividade e existe uma hierarquia de acordo com a faixa etária para a realização das atividades: uma criança de cinco anos puxa o cabresto do jumento, para que as mães ou irmãos mais velhos construam a carga de palha sobre o lombo do animal. Quando já alcança as ancas do jumento, por volta dos sete ou oito anos, deve ter autonomia para carregar sozinha a palha. Após os dez anos, a criança já pode cortar a palha, uma atividade das mais requisitadas, que dá mais credibilidade. Ser um bom cortador é sinônimo de emprego garantido. Após esse processo a palha cortada é levada pelo o carregador, tarefa também das crianças ou mulheres, até as proximidades do motor. A tarefa agora fica a cargo do cevador, que vai cevar o sisal para extrair a fibra. Essa atividade demanda muita força física e é realizada pelos homens. O procedimento é muito perigoso e responsável por inúmeras triturações de braços durante o processo de sevagem. Ainda existe o resideiro que vai fazer a limpeza das máquinas.

O ano de 2009 foi instituído pela ONU como o Ano internacional das fibras naturais. E, já que o sisal brasileiro é natural, biodegradável e renovável, a escolha não poderia ser melhor. A versatilidade de suas características técnicas e a sua sustentabilidade faz com que grandes marcas dos mais diversos setores, utilizem ou busquem uma forma de utilizar o sisal em seus produtos. Ainda assim, o aproveitamento da planta é muito baixo e apesar do Brasil ser o maior exportador de sisal do mundo, tendo a Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte como maiores produtores nacionais, apenas cinco por cento do sisal é extraído para seu uso mais comum, que é a fabricação de cordas. Com estudos e pesquisas desenvolvidos dentro e fora das universidades, novas possibilidades de uso da planta surgem como alternativa para revitalizar a atividade, que teve seu apogeu na década de 60, mas hoje busca novos mercados que possam novamente estimular os pequenos e médios produtores do setor.

#### 4. O vocabulário sisaleiro

Tomando como base a teoria e estruturação dos campos lexicais, as lexias que designam a atividade sisaleira estão organizadas em seus devidos campos lexicais.

Até o momento, três campos lexicais foram organizados: O campo lexical do *preparo da área*, o campo lexical do *beneficiamento do sisal* e o campo lexical dos *trabalhadores do sisal*.

##### 4.1. O campo lexical do preparo da área

**Adubação**, s.f. Ato ou efeito de adubar ‘fertilizar com adubo, estrumar’, após a limpeza do solo.

**Aração**, s.f. Preparo do solo para o plantio das mudas, onde um terreno é revolvido utilizando-se um arado para descompactar a terra para um melhor desenvolvimento das raízes, nivelar o terreno e eliminar ervas daninha.

**Capinar**, v. Limpar (a planta, plantação, terreno) de capim ou de qualquer erva má que nasce entre a plantação.

**Espaçamento**, s.m. Ato ou efeito de espaçar, abrir intervalos entre. O espaçamento está na dependência da origem das mudas, se foi produzida por sementes ou por estacas (clones). Para o cultivo do sisal, elas precisam ficar dispostas em fileiras simples com o espaçamento de 3,0m. (fileiras) x 0,8m. (plantas) plantando-se 4.166 mudas num hectare. Em fileiras duplas 3,5m. x 1,0m. x 0,8m.

**Gradagem**, s.f. Preparo do solo para o plantio das mudas utilizando-se uma grade que deve ser leve para nivelar o terreno e eliminar ervas daninha. Essa etapa ocorre após a aração, pois o solo ainda poderá conter muitos torrões, o que dificultaria a emergência das sementes e o estabelecimento das culturas. Com a utilização do implemento grade, os torrões são desfeitos e a superfície do solo torna-se mais uniforme.

**Limpeza**, s.f. Qualidade de limpo. Para o plantio das mudas (rebentos), o terreno deverá estar livre de plantas invasoras. Desta forma, a limpeza do solo poderá ser realizada com aração e gradagem.

**Rocar**, v. Pôr abaixo (vegetação), cortar, derrubar.

#### 4.2. O campo lexical do beneficiamento do Sisal

**Armazenamento**, s.m. Ato ou efeito de armazenar as fibras secas que devem ser arrumadas bem estendidas e sem dobras, em feixes de quinze a vinte quilos sobre estrados de madeira, em local arejado, fresco, livre de umidade. É preciso verificar diariamente o estado das fibras (livres de fungos, goteiras, outros) e meter a mão entre as fibras, pois se a temperatura estiver maior que a ambiente é preciso abrir os fardos e colocar as fibras ao sol.

**Desfibramento**, s.m. Consiste na eliminação da polpa das fibras mediante a raspagem mecânica da folha, através de rotores raspadores acionados por um motor diesel. Deve ser feito logo após a colheita quando a folha é golpeada violentamente e, por raspagem, elimina-se a polpa que envolve as fibras. Uma máquina, operada por dois homens, pode beneficiar 6.000 folhas ao dia (90 a 120Kg. de fibras).

**Enfardamento**, s.m. É o acondicionamento das fibras em fardos para o seu transporte até a indústria de fiação.

**Limpeza**, s.f. Esta operação visa remover o pó e o tecido parenquimatoso aderido aos feixes fibrosos, além de retirar as fibras de pequeno comprimento, o que resulta em um produto limpo, brilhoso, macio e valorizado.

**Penteamento**, s.m. Antes de serem colocadas em fardos, as fibras são escovadas e classificadas para só então serem empacotadas.

**Prensagem**, s.f. Operação de prensar, comprimir na prensa, apertar muito. Os fardos são preparados em prensas mecânicas ou hidráulicas, dotadas de caixões de dimensões médias de 150 x 50 x 70 cm, podendo variar entre 200 e 250 kg.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Na faixa de tecido, sobre o fardo, devem constar as seguintes informações, em caracteres perfeitamente legíveis: produto, safra, lote, nº do fardo, nome da prensa, classe, tipo, peso bruto, local de prensagem, cidade, unidade federativa e data da prensagem.

**Secagem**, s.f. Ato de secar as fibras. Após desfibramento estendem-se as fibras para secagem em espaldadeiras de arame (se possível) ao sol. Dois dias de sol são suficientes para se ter fibras secas e alvas. Fibras deixadas à noite no campo devem ser recolhidas após mais três horas de exposição no dia seguinte, por volta das dez horas da manhã.

### 4.3. Campo lexical dos trabalhadores do sisal

**Agente de compra**, exp. O intermediário que comercializa a fibra bruta ou aquele que beneficia em sua bateadeira para depois entregá-la à indústria ou ao exportador.

**Bagaceiro**, s.m. É o trabalhador que retira da máquina os resíduos do desfibramento – esta atividade pode envolver uma ou duas pessoas.

**Cambiteiro**, s.m. Quem recolhe os feixes e os transporta até a máquina, no dorso de asininos ou muares<sup>3</sup>.

**Cortador**, s.m. É aquele que colhe as folhas das plantas, cortando-as com um instrumento denominado foice; o número de pessoas envolvidas nesta atividade pode variar de uma a três.

**Desfibrador**, s.m. É o proprietário do motor.

**Enfeixador**, s.m. O trabalhador que amarra as folha em forma de feixes que serão transportados até a máquina de desfibramento.

**Exportador**, s.m. Aquele que exporta o produto.

**Fibreiro**, s.m. Quem faz o abastecimento da máquina com as folhas e pela recepção das fibras, que são pesadas com umidade – esta atividade poderá ser realizada por uma ou duas pessoas.

**Lavador**, s.m. Quem lava, seca e armazena a fibra.

**Puxador**, s.m. É o responsável pela operacionalização da máquina – esta atividade envolve uma ou duas pessoas.

**Resideiro**, s.m. Quem vai fazer a limpeza da máquina.

---

<sup>3</sup> Animais da família dos burros e mulas.

### Considerações finais

A proposta dos estudos que vêm sendo desenvolvidos acerca de um vocabulário específico de uma região tem o propósito maior de resgatar o patrimônio histórico-cultural do povo da região sisaleira. Um povo repleto de histórias, mas com poucos registros escritos. O vocabulário de um povo diz muito mais do que se imagina sobre o mesmo. Assim, a estruturação de um vocabulário sisaleiro em campos lexicais poderá contribuir não só com os futuros estudos linguísticos daquela região, como também trazer à tona um pouco da história e hábitos do povo coiteense.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina M de S. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval - O livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

\_\_\_\_\_. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria C. R. et alii. (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, parte 3, 2006, p. 213-225.

BARRETO, Artur Franco; BARBOSA, Johan Kely Alves. *Mecanismos de resistência à seca que possibilitam a produção em condições do semiárido nordestino*. Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Campus III – Universidade Federal da Paraíba, 2001. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br>>. Acesso em: 02 fev. 2010.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

FERREIRA, Aurélio. B de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1ª ed. 1975.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATTOSO, L. H. C.; FRAGALLE, E. P. *Uso de fibras vegetais na indústria automobilística: necessidade ecológica, oportunidade para o Brasil*. *Polímeros: Ciência e Tecnologia*, v.4, n. 1, p. 9-1, 1996.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.